

RESENHA

MOURA, Heronides; GABRIEL, Rosângela. *Cognição na linguagem*. Florianópolis: Insular, 2012, 240pp.

O livro *Cognição na linguagem* (2012) – composto por quatro partes com dois capítulos cada – é fruto das reflexões feitas por linguistas que dedicam seus trabalhos à investigação sobre cognição. Os organizadores dessa publicação são Heronides Moura, que é doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1996), mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina e professor associado desta universidade; já Rosângela Gabriel é doutora (2001) em Letras/Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), professora do Programa de Pós-graduação em Letras e em Direito da Universidade de Santa Cruz do Sul.

A obra em tela nasce com a proposta de romper as visões tradicionais e reducionistas acerca da cognição além de abordar essa categoria sob diferentes perspectivas ou padrões de uso da linguagem que se articulam com a maneira como assimilamos o mundo cognitivamente. Por meio dessa coletânea de artigos, os organizadores intentaram promover reflexões sobre o tripé linguagem, cognição e cultura, ao elucidar, de forma oportuna, vários estudos de caso. Mesmo não se propondo a ser um manual de leitura para iniciantes em linguística cognitiva, devemos render aplausos à obra por ela apresentar aos leitores, mais aptos à Linguística Cognitiva, uma referência. Por essa razão, algumas ideias abordadas podem não ser imediatamente compreendidas por um público mais abrangente e heterogêneo. O livro faz conhecer conceitos verticalizados na área de linguística cognitiva e convoca o leitor a ter, com essa obra, vastos e intensos momentos de estudo.

A organização da obra se coloca de forma clara para o leitor, e as quatro partes do livro são intituladas: Cognição e estrutura gramatical, Metáfora em contexto, *Frames* e construções e Da interação à cognição. Assim, essa divisão mostra-se didática e engajada com a construção do conhecimento. Além disso, permite que o leitor possa focar, se assim quiser, apenas na parte que lhe parecer mais conveniente. Aliás, o grande destaque dos capítulos é propor uma

estrutura composta por introdução, referencial teórico, metodologia, discussão dos dados e conclusão.

Na primeira parte, é trabalhada a relação entre estrutura gramatical e elementos cognitivos não linguísticos; ela traz dois capítulos: **O rico mundo das causas e seus efeitos na gramática dos verbos** e *Acrobacias cognitivas: ponto de vista e subjetividade em redes condicionais*. No primeiro capítulo, é abordada a causalidade como fator que interfere na transitividade, ou seja, na forma linguística de codificar as causas externas. Para tanto, são evocados conceitos como de antagonista e de agonista, papéis que, na perspectiva cognitiva, só podem ser definidos pelo contexto e por intermédio dele. Esse capítulo, além de elucidar essas importantes noções, traz um ponto positivo, que é a apresentação de exemplo prático para trabalhar conceitos abstratos, por exemplo, o de metáfora – matéria-prima da parte II do livro. O mérito do artigo fica por conta da organização didática que ele apresenta, o que facilita o entendimento por parte do leitor, uma vez que o autor utiliza a estratégia de fazer perguntas para marcar interlocução com o público leitor, bem como para introduzir conceitos.

A discussão proposta no capítulo 2 – *Acrobacias cognitivas: ponto de vista e subjetividade em redes condicionais* – é sobre como o detalhamento dos processos cognitivos associados às estruturas condicionais, à luz da Teoria dos Espaços Mentais, pode revelar subjetividade. Por hora, torna-se condição primeira para a leitura do texto os conhecimentos acerca dos mais relevantes aspectos dessa teoria. Mesmo assim, há de se atentar para o cuidado do autor com a explicação com esquemas sobre a Teoria dos Espaços Mentais¹ como aquela que se ocupa de operações cognitivas associadas à construção de significado por meio de estruturas linguísticas a partir da página 46. O trabalho é um estudo de caso baseado em material videogravado, referente ao *reality show* BBB (Big Brother Brasil), exibido entre janeiro e março de 2010, na rede Globo. A partir desse material, observou-se que as condicionais com estrutura semântica futuro-futuro são incompatíveis com modo-temporal, e comumente eventos futuros apresentam tempos verbais não referentes a futuro. As condicionais com estrutura semântica futuro/futuro, futuro subjuntivo/presente e futuro subjuntivo/pretérito perfeito sinalizam a perspectiva implícita do falante a partir

1 A Teoria dos Espaços Mentais foi cunhada por Fauconnier (1994, 1997; e outros) e diz respeito às estruturas construídas no nível cognitivo à medida que a linguagem vai sendo modelada ou interpretada.

da projeção ascendente de pontos de vista na base comunicativa. Finalmente, conclui-se que a diferença futuro/presente se dá porque o participante não está predizendo o futuro, mas fazendo um raciocínio.

A segunda parte da obra trata da identificação de padrões emergentes de metáfora em contextos interacionais específicos. Os artigos – como assim os definimos – que compõem essa parte são: *A metáfora conceptual na prática discursiva culturalmente específica: um estudo sobre letras do rap e Metáfora e empatia no discurso de vítimas de violência em centros urbanos brasileiros*.

O objetivo do primeiro capítulo dessa seção é analisar como, apesar da globalização do *hip hop*, observa-se a regionalização dessa cultura; para tanto, foram observadas letras brasileiras e alemãs, por meio da metáfora conceptual “A vida é uma guerra”. Conceitos para alguns leitores até então desconhecidos, como glocalização e indigenização, servem para ampliar o conhecimento do leitor. No que concerne à apresentação do quadro teórico que compõe o artigo, Schröder, a partir do conceito de Lakoff e Johnson sobre metáfora como expressão de uma estrutura cognitiva, promove a crítica a esse modelo, evidenciando que fatores linguísticos e conceptuais são dependentes no uso da metáfora. Essa perspectiva do autor é providencial, pois a escolha de análise se faz em relação à linguagem em uso em determinado contexto cultural. Segundo Schröder (2012), “significados e também metáforas não são sempre e não necessariamente conceitos estáveis [...], mas são negociados e renegociados no decorrer da interação social” (SCHRÖDER, 2012, p. 69). Isso corrobora as constatações feitas na conclusão do artigo sobre processo particular de recontextualização cultural e metáforas. A crítica que aqui se faz diz respeito às funções de Hymes, que são associadas às metáforas, tão importantes, mas essas categorias foram pouco exploradas no referencial teórico do artigo. Para o entendimento delas, far-se-ia emergencial o conhecimento prévio do leitor quanto a essa categoria, mesmo havendo uma pequena nota na página 83 que é insuficiente para maiores esclarecimentos.

Já no segundo capítulo dessa parte – *Metáfora e empatia no discurso de vítimas de violência em centros urbanos brasileiros* – há a preocupação em aliar discurso e cognição para analisar material gerado em grupos focais feitos em Belo Horizonte e Fortaleza em que participantes falam sobre violência urbana. A observação é feita a partir da percepção das vítimas sobre o porquê de os agentes de violência agirem como agem. Diferindo da metáfora conceptual, as autoras se valem da visão da metáfora discursiva. Assim, como o artigo de Schröder, as estudiosas apontam lacunas na proposta de Lakoff e Johnson, já

que esses autores enxergam o mapeamento como algo dissociado do contexto de uso. Além disso, sem citar Kövecses, as autoras utilizam a percepção da metáfora no que concerne aos fatores linguísticos, afetivos, corpóreos, culturais e sociais. Outra fonte teórica é a dos sistemas complexos, o que reforça a escolha pela perspectiva da metáfora sistemática. A grande contribuição do trabalho diz respeito à inclusão do grupo focal como metodologia relevante para o estudo da metáfora em uso. O artigo também apresenta o programa Atlas Ti como *software* de apoio para categorizar os dados, o que pode ser útil para outros pesquisadores da área de Linguística.

A terceira parte diz respeito à ligação entre as unidades lexicais e *frames* e construções gramaticais. Os capítulos componentes dessa parte são: *Gramática de construções e simulação mental: construindo sentidos e arquitetando contextos* e *A semântica de Frames e os recursos lexicais computacionais: da teoria à aplicação*.

O início do artigo – Gramática de construções e simulação mental: construindo sentidos e arquitetando contextos – tem a reflexão em torno do princípio da linguística cognitiva sobre a associação entre mente e corpo, o que representou quebra em relação à tradição filosófica ocidental, sobretudo por apresentar a linguística cognitiva como interdisciplinar. A proposta do artigo é evidenciar como a produção de sentido e a construção de contextos socioculturais decorrem principalmente da interação entre tipos particulares de conhecimento de mundo e formas específicas de conhecimento linguístico. Os autores refletem sobre a importância da simulação para o entendimento de experiências externas; por outras palavras, eles afirmam que só é possível um entendimento de uma sentença porque formamos uma imagem mental daquela circunstância. Exemplo disso está na página 121, com a estrutura “o advogado passou o processo para o cliente”. Categorias como esquema imagético (padrões abstratos) e imagem (representação de experiências corporificadas) são apresentadas ao leitor. O artigo mostra-se eficiente quando apresenta os esquemas para justificar a teoria, bem quando se vale de imagens, como uma charge de Lute posta na página 127. Por fim, uma questão importante levantada pela autora é sobre como o conhecimento de mundo, além do linguístico e da estrutura gramatical, interferem na construção de sentido.

Dando continuidade ao capítulo 1, o artigo – *A semântica de Frames e os recursos lexicais computacionais: da teoria à aplicação* – contextualiza o que é *Frame Net* para, em seguida, sinalizar o objetivo do trabalho: apontar a importância do *frame* para a criação do léxico computacional e indicar a

relevância da teoria para o estudo de projetos multilíngues. Do ponto de vista teórico, o trabalho de Chishman e Bertoldi cumpre bem seu papel de apresentar ao leitor dois conceitos básicos, porém necessários para a leitura do texto: o de *cena* e o de *frame*. Essas noções, segundo afirmou Fillmore, na década de 1970, eram tratadas como distintas, mas sofreram reformulação na perspectiva e tornaram-se complementares. Ainda de acordo com Fillmore (1985, p.232) *apud* Chishman e Bertoldi, “um *frame* é evocado pelo texto se alguma forma ou padrão linguístico é convencionalmente associado com o *frame* em questão”. A partir de então, usa-se tal conceito para a aplicação na área computacional.

Por fim, na última parte, são apresentadas as limitações de certas teorias sobre cognição, além de essa parte mostrar que a interação pode ser importante na cognição humana. Os capítulos presentes nessa seção são: O estudo da metaforicidade no campo da neurolinguística: velhas questões, novos desafios (*sic*) e O quebra-cabeça da leitura: leitor, texto, autor.

No primeiro artigo, nossa atenção volta-se para a exposição de um erro grave de revisão no título, pois a palavra deveria ser “desafio” e foi escrita como “desavio”. A autora, infelizmente, não ficou atenta à revisão do artigo. Apesar disso, o texto se destaca por partir das reflexões iniciais de Lakoff e Johnson sobre metáfora como sistema conceptual metafórico para pensar na perspectiva sociocognitiva da linguagem. A originalidade do artigo fica a cargo do estudo da metaforicidade no que diz respeito aos doentes de Alzheimer e da continuidade dada aos já desenvolvidos trabalhos sobre afasia. O grande destaque do artigo é o reconhecimento de certas limitações explicativas do campo baseadas nas dicotomias que norteiam os estudos tradicionais. Além do mais, é apropriada a menção aos trabalhos de investigação sobre os desafios enfrentados por estudos ancorados em perspectivas discursivas e sociocognitivas da metaforicidade com evidência empírica em situações interacionais diversificadas.

O artigo – O quebra-cabeça da leitura: leitor, texto, autor – aborda como os estudos sobre leitura são diversos, sendo difícil, por isso mesmo, definir um panorama. O viés adotado pelo autor volta-se à importância do leitor, do autor e do texto para a compreensão da leitura. A intenção do artigo, desse modo, é mostrar os diversos estudos da psicolinguística que permitem entender como funciona o cérebro do leitor durante a leitura. O quadro teórico apresentado no capítulo traz contribuições da linguística textual, da teoria da enunciação, da semântica argumentativa e da análise do discurso. A excelência desse arcabouço deve-se à tentativa de diálogo entre as linhas de estudo propostas pela autora para se conhecer o processo de leitura. A autora traz à baila um importante aspecto: a compreensão da leitura como ato social.

Após uma apreciação atenta de todo o livro, é visível que o eixo condutor dos debates é o trabalho sobre o contexto e a interação como pontos chave para cognição e para a linguagem. Nada mais justo, já que pensar em linguagem é pensar relações interativas. Por se tratar de um livro que perpassa as relevantes abordagens da teoria cognitiva, acreditamos que o material é essencial para promover o debate sobre a cognição que ganha significado na interação.

Suelen Martins
Faculdade Arnaldo Janssen
suelen-martins@ibest.com.br